



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ABATETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA MADALENA LEAL MARTINS

REGISTRO DA INFÂNCIA À FORMAÇÃO ACADÊMICA:
Reflexão de novas práticas

ABAETETUBA-PARÁ
2018

MARIA MADALENA LEAL MARTINS

**REGISTRO DA INFÂNCIA À FORMAÇÃO ACADÊMICA:
Reflexão de novas práticas**

Memorial Acadêmico apresentado a Universidade Federal do Pará – UFPA, como quesito obrigatório para Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, orientado pela Professora M.Sc Edilma Neves.

Abaetetuba/PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M379r Martins, Maria Madalena Leal.
Registro da infância à formação acadêmica: : reflexão de novas
práticas / Maria Madalena Leal Martins. — 2018.
33 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Edilma Neves Rodrigues Reis
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memória. 2. Trajetória docente e Prática pedagógica. I.
Título.

CDD 370

MARIA MADALENA LEAL MARTINS

REGISTRO DA INFÂNCIA À FORMAÇÃO ACADÊMICA:
Reflexão de novas práticas

Memorial Acadêmico apresentado como quesito obrigatório para Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, orientado pela Professora M.Sc Edilma Neves, da Universidade Federal do Pará-UFPA

Data da aprovação: ___/___/___

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof. Antônio Reis Azevedo

Prof. Helem Betel Alencar

Orientadora: Prof. M.sc Edilma Neves

Abaetetuba/PA
2018

Dedico este trabalho a **meu pai**
(em memória) ao amor, incentivo e
pelo exemplo de ser humano que
representou em vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força e coragem de ter chegado até aqui.

A esta universidade, a todos os professores, com quem tive a honra e o prazer de aprender muito para minha formação.

Ao meu esposo pelo companheirismo, incentivo e apoio afetivo que me proporcionou ao longo deste percurso.

Carinhosamente aos meus pais Marlene Leal Martins e Domingos Oliveira Martins (em memória) são eles também merecedores dessa conquista.

Aos meus filhos Aleson e Saulo Marlon que modificarem e trouxeram alegria a minha vida.

A todas as minhas amigas e colegas da turma de Pedagogia 2014 (PARFOR), em especial a Eugênia Patricia e Regina da Conceição pelos momentos marcante que passamos juntas.

Uma pessoa especial, minha prima Maria da Conceição (Conce) pelas e conquistas que juntas enfrentamos.

A minha orientadora Msc. Edilma Neves pelo direcionamento na construção deste trabalho

A todos que de alguma forma contribuíram nesta caminhada, muito obrigada !!!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não se pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”
(Paulo Freire)

RESUMO

Este memorial corresponde ao trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Pedagogia, onde há relatos de minhas memórias, da infância a formação acadêmica e narrando cada momento da trajetória de minha formação desde a infância, as brincadeiras, em seguida as experiências escolares, no magistério, meu trabalho docente até a universidade e perspectivas. Usando o método autobiográfico protagonizo minha própria história, com relatos verídicos de toda minha vida. O objetivo deste trabalho foi analisar as contribuições do ensino superior para minha formação e prática docente. Durante o percurso na universidade pude compreender melhor minha atuação como educadora, através das mudanças na minha prática pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVE: memória, trajetória docente e prática pedagógica.

ABSTRACT

This memorial corresponds to the work of conclusion of course of the Degree in Pedagogy, where there are reports of my memories, from childhood to academic formation and narrating each moment of the trajectory of my education since childhood, the games, then the school experiences, in the teaching , my teaching work up to university and perspectives. Using the autobiographical method I lead my own story, with truthful accounts of my whole life. The objective of this study was to analyze the contributions of higher education to my training and teaching practice during the course in the university was able to better understand my role as an educator through changes in my personal and professional practice.

KEY-WORDS: memory, trajectory, teacher and pedagogical practice

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I – OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA INFÂNCIA.	13
1.1 MINHAS ORIGENS: MARCAS QUE FICARAM	13
1.2 AS BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA.....	14
1.3 AS LEMBRANÇAS DA ESCOLA	16
CAPITULO II – DESCOBERTAS E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DOCENTE... ..	19
2.1 MAGISTÉRIO: TEMPO DE NOVAS APRENDIZAGENS.....	19
2.2 EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA DOCÊNCIA	21
CAPITULO III – TRAJETÓRIA ACADÊMICA.....	27
3.1 O CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MINHA PRÁTICA DOCENTE	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

O memorial apresentado trata-se de um trabalho de conclusão de curso de licenciatura Plena em Pedagogia que narra relatos de todo meu percurso da infância à formação acadêmica e poderá servir de reflexão para os profissionais de educação, haja vista que as experiências de vida aqui expostas podem ser mais um meio de análise para a prática docente.

Usando o método autobiografia que é um gênero literário em que uma pessoa narra sua história de vida, isto é, trata-se de uma biografia escrita ou narrada pela pessoa biografada que segundo Josso (2004) é um procedimento que nos permite compreender o modo pelo qual os professores se formam e adquirem novas competências auxiliando na criação de estratégias de trabalho que favoreçam suas aprendizagens.

Este memorial permite apresentar minha história de vida com novos saberes para minha prática docente, em que irei relatar acontecimentos que se passaram no âmbito familiar, nas escolas, na formação da docência e na universidade. Para Antonio Joaquim Severino:

O memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico que dê conta dos fatos e acontecimentos que contribuíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. (SEVERINO.2002.p.175)

A memória tem o legado de contribuir para o conhecimento através de relatos de vida, em que o ato de lembrar é presente evocado com carinho no aprendizado.

Todavia, relembrar os fatos que foram marcantes durante minha trajetória de vida é retornar no tempo, revivê-las e perceber as mudanças. Apesar de alguns lapsos de memória busquei descrever os momentos inesquecíveis de minha infância, as experiências educacionais, desafios e conquistas na constituição da docência até o almejado sonho na universidade, com reflexão de transformação para novas atuações.

Quando voltamos a olhar para nosso passado, e ao tentarmos recuperar diversos caminhos pelos quais passamos na trajetória de nossa vida sempre fazemos tendo

em vista o presente em que vivemos. Por isso não dá para fugirmos da nossa condição de sujeitos engajados na vida do nosso hoje e do nosso agora.

O passado, trazido para o presente, transforma-se no diferente e, às vezes até na novidade, principalmente quando a distância entre o passado e o presente oculta fatos, valores, crenças e relacionamentos. Não se pode creditar ao presente a construção do futuro sem anuência do passado. A este respeito, Freire (2003) traça a seguinte consideração:

Quando hoje tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorre, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. Ninguém falado que passou a não ser na e da perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira devesse ter passado como possivelmente, nas condições diferentes de hoje, passaria. Afinal o passado se compreende, não se muda (FREIRE,2003,p.19)

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva escrita que melhor permite compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Está presente dès de que nascemos todas as experiências que vivemos estão armazenadas em nossa memória, somos quem somos porque aprendemos e conseguimos nos lembrar dessas aprendizagens.

“A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através da qual reenvocamos as coisas passadas, abraçamos o presente e contemplamos a futura graça a sua semelhança com as passadas “[... É um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedades de hoje, na febre e na angustia. LLE GOFF, 1990, p.391 e 410,]

Corroborando com Le Goff (1992) acrescenta que a memória é:

(...) Um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua construção de si. (PÓLLAK 1991, p.204)

A memória é, portanto, ponto chave para a construção desse trabalho, pois ficarão registrado aqui lembranças de minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica.

Este memorial tem o propósito de analisar as contribuições do ensino superior para minha formação e prática docente. Descrevendo minha história de vida enfatizando a infância, as brincadeiras na infância e as primeiras experiências educacionais, relatando alguns acontecimentos que marcaram minha trajetória de docente e analisando minha prática docente, enfatizando as mudanças após o ingresso na universidade.

Com base nas diretrizes do enfoque da pesquisa qualitativa, este trabalho se enquadra em um memorial descritivo e tem como objetivo fazer uma descrição autobiográfica da minha história de vida através das recordações que vivenciei no passado e poder relembra-las no presente, assim traçar metas para o futuro.

É importante esclarecer que o método autobiográfico e história de vida tem algo em comum, pois são relatos de vida, experiências acumuladas no dia a dia profissional. No entanto diferem-se na forma. Para Miguel (MIGUEL apud BELLO, 2002) as autobiografias são escritas enquanto que histórias de vida são narrativas orais. De acordo com esse autor, as autobiografias nunca tem fim, porque a história de vida de uma pessoa se amplia até o infinito e pode ser cantada de várias maneiras sofrendo novas interpretações.

Para a construção teórica dessa proposta de estudo, pesquisei autores que abordam temas como: infância, desenvolvimento e aprendizagem, ludicidade, entre outros.

O primeiro capítulo apresenta o histórico da minha origem onde descrevo um pouco da minha infância, das brincadeiras e as primeiras experiências educacionais. O segundo capítulo descreve os desafios na construção da docência enfatizando as primeiras experiências no campo da docência.

O terceiro capítulo trata da conquista de ensino superior ressaltando as mudanças que ocorrem após ingresso na universidade com a conquista de novos saberes para minha prática docente.

CAPÍTULO I – OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA INFÂNCIA.

1.1. MINHA ORIGEM: MARCAS QUE FICARAM

Durante o curso de pedagogia surgem muitas indagações sobre nossa identidade, de onde viemos, onde queremos chegar e o mais importante quem sou eu? Posso dizer que sou mais que um simples nome no registro civil. Meu nome Maria Madalena L. Martins, nascida aos 11 de janeiro de 1980, no município de Limoeiro do Ajuru. Sou filha de Domingos Oliveira Martins (em memória) e Marlene Leal Martins, pais semianalfabetos, mas de conhecimento de vida extraordinário. Meu pai era um homem simples, honesto e trabalhador e minha mãe era uma mulher guerreira sempre o ajudava nos afazeres para que não nos faltasse comida na mesa, na época éramos seis filhos.

Nossa vida não era fácil, meus pais não paravam em casa, só a noite chegavam da sua labuta diária. Devido a essas dificuldades e com o falecimento de meu irmão casula, decidiram sair daquele lugar, vindo morar na zona rural do município de Abaetetuba, no ramal do Murutinga, desempregados começaram a trabalhar com japoneses em pimentais em troca de moradia e uma pequena quantia em dinheiro, nessa época já éramos sete irmãos e os mais velhos começaram a ajudar meus pais nos afazeres dos pimentais, eu e meus dois irmãos menores ficávamos na casa sobre o cuidado de uma das minhas irmãs, vezes íamos todos para o pimental.

De repente, por motivos que desconheço minha mãe nos deixou indo morar em Belém-Pa, era pequena quando isso aconteceu, até hoje desconheço os motivos que levaram a minha mãe a tomar aquela decisão, o que não esqueço é de como o amor incondicional de meu pai fez toda a diferença em minha vida, foi com ele que durante a minha infância comecei a aprender os primeiros ensinamentos de forma implícita e explícita, ou seja, através de suas atitudes, gestos, imposições e diálogos. Tais aprendizagens foram significativas em meu crescimento pessoal.

Nessa época como não tínhamos casa própria, passei toda minha infância morando com parentes os quais contribuíram na minha formação como sujeito, deixando traços negativos e positivos em minha identidade pessoal, as relações hierárquicas entre crianças e os mais velhos, a necessidade da autonomia pessoal, da superação e dos momentos de maior dificuldades foram os ensinamentos,

valores e as regras que se incorporaram de tal forma que atualmente reconheço essa presença e a situar em minhas memórias e lembranças.

Segundo Philippe Aries (2006), o conceito de infância é compreendida como uma fase de desenvolvimento da vida do ser humano diferente da fase adulta e esta ideia de infância é constituída socialmente de acordo com as experiências e vivências em diferentes culturas, saberes, lugares e sociedade sendo uma criação do ser adulto construída ao longo do período contemporâneo. O autor ainda completa que:

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças corresponde consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou sua ama, ela ingressa na sociedade dos adultos e não se distingue mais destes (Aries, 2006, p. 99)

Desta forma ao relembrar minha infância, tenho certeza que aprendi muito com todas as experiências vividas. É importante salientar que a visão que tenho da criança é algo historicamente construída e a maneira como ela é vista atualmente é mostrado na referência curricular nacional para educação infantil (Brasília 1992), que vem afirmar que “as crianças possuem uma natureza singular que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”.

1. 2 . AS BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA

É certo que o brincar é essencial na vida da criança, afinal é uma experiência importante não apenas nos primeiros anos da infância, mas durante toda a vida de qualquer ser humano.

Nesse período eu e meus irmãos brincávamos no quintal de casa, em uma linda paisagem com imenso terreno, cheio de árvores, algumas delas frutíferas, nos divertíamos muito brincando de casinha, pique esconde, correndo atrás das galinhas, borboletas, subindo e descendo das árvores era tão gostoso sentir o vento e o perfume das flores, tudo tinha um significado único e uma beleza exuberante. Essas brincadeiras fizeram parte do cotidiano de minha vida quando criança e foi

muito importante para o meu desenvolvimento cognitivo, psicológico, afetivo e social. Apesar da ausência da minha mãe e de brinquedos industrializados considero muito bom o tempo minha infância.

O primeiro contato com brinquedo industrializado que tive foi quando me emprestaram uma linda boneca (bebezão) para que eu e meu irmão tirássemos uma foto, fiquei tão empolgada que não dei atenção à foto, somente a boneca.

O brincar é uma realidade cotidiana na vida das crianças e expressa a forma como ordena, organiza e desorganiza situações. É também um espaço onde a criança pode expressar de modo símbolo suas fantasias, seus desejos e sentimentos. E na brincadeira vivenciando uma situação imaginária que a criança assume um papel e cria novos personagens e diálogos a partir da observação do cotidiano. Assim percebemos que no brincar, a imaginação e a imitação são duas funções psicológicas que estão sempre em interação, permitindo a criança criar e recriar o mundo a sua volta.

O papel que o brincar exerce na formação e no desenvolvimento das crianças é fundamental, visto que grande parte das crianças especialmente as que estão na idade pré-escolar que vive no mundo do faz de conta, no qual a criatividade e a imaginação de situações são características marcantes. De acordo com Froebel (1992) não existe qualquer atividade tão importante como o brinquedo e a brincadeira no desenvolvimento das crianças. Diz o autor que:

A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e ao mesmo tempo típica da vida humana enquanto um todo-da vida natural interna do homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo... A criança que brinca, sempre com determinação é auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, e pode certamente torna-se um homem determinado capaz de auto sacrifício para a promoção de seu bem e de outros, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação.

(FROEBEL, 1992, APUD ROCHA,2000, P. 86)

Desse modo, entender o importante papel que o brincar exerce no presente e no futuro da criança deve ser fundamental para que pais e educadores incentivem

essa prática na infância contribuindo com o desenvolvimento das crianças, na valorização e preservação da cultura.

Tive a oportunidade de conviver por um período com meus primos, os quais vieram do interior e não tinham onde morar, então residiram com minha família, com eles as brincadeiras tornaram-se mais prazerosas cada um com uma ideia eram verdadeiros irmãos.

Houve momentos mágicos na minha infância, pois vivia brincando e aprendia muito com as brincadeiras.

A infância se faz de experiências e os melhores momentos ficam registrados. Para as crianças compartilhar esses momentos é muito vantajoso, pois geram importantes vínculos de amizade que pode perdurar a vida toda. Sabe-se que o aprendizado da brincadeira se dá por meio das interações e do convívio com os outros e as brincadeiras estão presentes em todas as fases da vida com características indispensáveis para o relacionamento entre pessoas e para o reconhecimento do meio em que vivemos.

1. 3. AS LEMBRANÇAS DA ESCOLA

Os primeiros contatos que tive com a escola foram quando ainda morava no ramal do Murutinga, apenas acompanhava uma de minhas irmãs, não recordo o nome dessa escola, só lembro que ficava muito longe e só se via adultos, nesse período eu não estudava, já que a “pré-escola” nessa época não era obrigatória e nem muito acessível. A pré-escola pertence à primeira etapa da educação básica, que corresponde à educação infantil.

O artigo 30 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96 determina que a educação infantil seja oferecida em creches, para crianças de até três anos e em pré-escola, para crianças de quatro a cinco anos, colocando a criança como sujeito de direitos, em vez de trata-las como ocorria nas leis anteriores a esta, como objeto de tutela. A mesma lei proclama pela primeira vez na história da legislação brasileira a educação como um direito das crianças de 0 a 6 anos e dever do estado, ou seja, todas as famílias que desejarem optar por partilhar com o estado a educação e o cuidado de seus filhos deverão ser contempladas com vagas em creches e pré-escolas públicas.

Para Alcançar tais conquistas, a educação sofreu nos últimos tempos grandes transformações e o processo de aquisição de uma nova identidade para as instituições que trabalham com crianças foi longo e difícil. Durante muito tempo o cuidado e a educação eram vistas como tarefas da família, não se considerava a identidade pessoal da criança.

Em 1875 no Rio de Janeiro e em 1877 em São Paulo eram criados os primeiros “jardins de infância” de caráter privado, na metade do século xx, a mulher começa a ter uma maior inserção no mercado de trabalho, que provoca um aumento pelas instituições que tomam conta de crianças pequenas. Começa a se delinear um atendimento com forte caráter assistencialista.

Em 1888 devido a grande pressão dos movimentos feministas e sociais, a constituição reconhece a educação em creches e pré-escolas como direitos da criança e dever do Estado.

Nos anos 90 a criança é entendida como um ser sócio-histórico, onde a aprendizagem se dá entre a criança e seu entorno social. Há um fortalecimento da nova concepção da infância, garantindo em lei os direitos da criança enquanto cidadã. Cria-se o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente); a nova LDB, lei nº 9.394/96, incorpora a educação infantil como primeiro nível da Educação Básica e formaliza a municipalização dessa etapa de ensino.

Em 1998, é criado o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) um documento que procura nortear o trabalho realizado com crianças de 0 a 6 anos de idade. Ele representa um avanço na busca de se estruturar melhor o papel da educação infantil, trazendo uma proposta que integra o cuidar e o educar o que hoje é um dos grandes desafios da educação infantil.

A educação infantil terminou sendo um bem da criança burguesa e uma proposta distante das crianças pobres. Apesar da educação infantil no Brasil ter sido institucionalizada como direito das crianças, poucas tem acesso a um atendimento de qualidade.

No ano de 1986, próximo de completar meus sete anos de idade, meu pai sabendo que não havia escola na localidade onde morávamos, decidiu morar na cidade de Abaetetuba, assim no ano seguinte fui matriculada na escola Municipal Prof.^a Terezinha de Jesus F. Lima, localizada no Bairro São João, comecei a cursar a 1ª série do antigo primeiro grau, logo no primeiro ano fiquei reprovada, tive muita dificuldade, talvez por não ter estudado na pré-escola, isso pode ter interferido no

desenvolvimento das minhas habilidades. A educação infantil por ser a primeira etapa da educação básica estabelece as bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional, da socialização. As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa é neste período que ela está construindo sua identidade e autonomia e o ambiente escolar é um espaço especialmente facilitador para o amadurecimento da criança. É na escola que ela amplia suas experiências relacionais, antes restritas ao ambiente familiar.

Em meio às dificuldades consegui ser aprovada e as poucas lembranças que tenho da escola é de uma educação tradicional, com fila de meninos e meninas no portão, aprendia os conteúdos na base da memorização, a tabuada estava sempre presente no meu material, a professora ordenava que decorássemos a casa de operação de estudo, dessa forma a educação é vista como bancário que a professora só depositava os conhecimentos nos alunos, e estes só recebiam sem poder dialogar, tirar dúvidas e muito menos argumentar.

A professora que lembro com clareza, foi a da 4ª série, uma pessoa séria e autoritária, um dia na semana ela levava um pente fino e um cortador de unhas, quem estava com as unhas sujas e grandes ela cortava, em seguida começava a pentear as meninas, eu ficava nervosa e constrangida quando isso acontecia, porque no recreio ocorriam as brincadeiras sem graça, era uma situação desagradável. O professor deixa marcas na vida de cada aluno, marcas que podem ser produtivas ou negativas. A esse respeito Freire (2001) afirma que:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gente, o professor mal-amado, sempre com raiva da vida e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar marcas. Daí a importância que o exemplo do professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres (Freire, 2001, P. 73)

Entretanto para sermos bons educadores e deixar nossa marca positiva no aluno precisamos repensar todas as nossas práticas quanto profissional, assim

formar alunos críticos, participativos, capazes de mudarem o rumo de sua própria história.

E para minha felicidade fui aprovada, iria cursar a 5ª série do antigo 1º grau, continuei estudando na mesma escola Terezinha de Jesus F. Lima, pela qual sinto um carinho muito especial. Essa fase foi sem dúvida a fase das descobertas, muitas alegrias e aprendizagens, nesse período meu pai, eu e mais dois irmãos fomos morar com minha irmã Joana, que precisou viajar a trabalho e por três anos cuidamos de seus filhos Everton na época com 8 anos, Elvis de 6 anos, Erika de 4 anos e Brenda com apenas 10 meses. Nesse período ao lado de meu pai assumi a responsabilidade de cuidar dessas crianças, passei parte da minha vida adolescência me dedicando a eles, foram momentos únicos e marcantes, com eles aprendi que as crianças são seres puros, inocentes e amáveis que precisam de proteção, paciência e muito amor, uma experiência que contribuiu na minha atuação como docente e essa afirmação faz-se presente na minha vida profissional.

CAPÍTULO II – DESCOBERTAS E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DOCENTE

2. 1. MAGISTÉRIO: TEMPO DE NOVAS APRENDIZAGENS

Minha trajetória no ensino médio iniciou em 1997 e concluiu no ano de 1999, na época eu estudava com minha querida prima Conce, a qual me convidou a cursar o magistério, confesso que no início me sentia insegura, mas aceitei o desafio. A turma do magistério a qual eu estudava era unida e muito esforçada, ajudávamos uns aos outros sempre aprimorando que todos chegassem até o final do curso, a lembrança que tenho desses três anos é que fiz boas amizades que duram até hoje, o quadro de professores era um dos melhores, qualificados, desenvolveram conteúdos e metodologias adequadas, direcionada a formação técnica de professores para atuar na docência com crianças de pré-escola a 4ª série do ensino fundamental, como elaborar um plano de aula, as práticas de ensino, a recreação e as fases do desenvolvimento.

Durante o curso realizei estágios, caracterizado como estágio supervisionado I, II, III, envolvendo as modalidades de observação, participação e regência. Assim escolhi realizar os estágios nas escolas; Turma da Mônica, São José e Conego Luís Varela. No estágio de observação por uma semana permaneci na sala de aula com a professora regente, conforme a orientação da professora que ministrava a

disciplina prática de ensino observava as ações da professora e dos alunos sob uma ótica voltada para a concepção do processo de ensino e aprendizagem, sempre registrando as metodologias de ensino e as práticas usadas em sala de aula. Percebia que a professora ficava constrangida com a minha presença e me sentia invadindo o espaço dela.

No estágio supervisionado II que estava relacionado à participação, passei a participar das aulas, auxiliando a professora e esclarecendo dúvidas dos alunos, principalmente daqueles que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

No III e último estágio supervisionado era de regência de classe e precisavam de novos conhecimentos. Nunca tinha dado aula propriamente dita para uma turma. Fiquei meio receosa mais criei coragem e fui pra escola, era preciso assumir a postura de professora e ocupar seu devido lugar. Era necessário fazer meu plano de aula e desenvolver minha metodologia sem contar as preocupações e aflições por essa experiência, pois estarei à frente de uma classe, deixando de ser somente observadora passando a ser observada.

Sobre o estágio supervisionado posso dizer que foi um tempo de novas aprendizagens, pude comparar as diferenças e o cotidiano para além das teorias, passei a conhecer a realidade da escola sobre o comportamento dos alunos, a atuação dos professores e dos demais profissionais que a compunham. Através da prática de observação, quanto a participação e regência em sala de aula.

As experiências do estágio foram muito importantes desenvolveu mim conhecimento do primeiro contato do aluno-professor, habilidades em lecionar para crianças e sentir-me uma educadora.

De acordo com Eloiza da Silva Oliveira e Vera L. Cunha que conceitua o estágio:

Podemos conceituar estágio supervisionado, portanto, como qualquer atividade que propicie ao aluno adquirir experiências profissional específica e que contribua de forma eficaz para sua absorção pelo mercado de trabalho (OLIVEIRA & CUNHA, 2006, P. 60)

A participação nas aulas, o auxílio à professora e a interação com os alunos foi o início onde comecei a me identificar com a profissão e ter a certeza de que era realmente o que eu queria ser.

O estágio de Prática do Ensino começou a fazer sentido quando percebi que estava fazendo aquilo que tinha escolhido. Ser professora. E a sensibilidade pelo magistério começou a florescer no meu coração. O estágio de prática de ensino é um momento importante na preparação de alunos que em futuro bem próximo serão professores e por sua vez serão profissionais capacitados para mobilizar a mudança e o desenvolvimento de uma sociedade.

A prática de ensino e o estágio não me garantiram uma preparação completa para o magistério, mas possibilitaram que tivesse uma noção do que é ser professor, como é a realidade dos alunos que frequentam a escola, as metodologias utilizadas pelos professores das séries estagiadas entre outras. Permitiu reafirmar mais minha escolha pela profissão.

Desse modo, a prática de ensino, por meio dos estágios, me permitiu como discente que não exercia o magistério um tempo de novas aprendizagens e o começo da minha futura formação profissional.

2.2 AS EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA DOCÊNCIA

Após minha formação no magistério em 1999, participei de vários concursos em diferentes municípios como Moju, Cametá, Barcarena e Abaetetuba. Tive a felicidade de classificar em dois e aprovada nos demais, nas primeiras cidades não foi possível exercer a docência na época meu pai não permitiu que eu morasse sozinha e longe de casa, na outra fui lotada para o interior do Moju, um lugar bem distante, próximo do Mocajuba fiquei apavorada, pois nesse período estava grávida e descobri que nessa localidade não havia posto de saúde, energia elétrica, teria que morar na casa da professora que por ser contratada eu iria trabalhar no lugar dela e teria que ir buscar os alunos nas suas casas a remo, pois não tinha transporte escolar, desistir no meio da viagem, fiquei três dias esperando a embarcação que me trouxesse de volta a minha casa. Nas duas últimas cidades precisei escolher por serem cargos diferentes na qual iria trabalhar. Obvio que optei pela minha querida cidade de Abaetetuba.

Em 29 de julho de 2009 fui chamada pela Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba (SEMEC) para trabalhar no rio Anequara, umas das ilhas disponíveis mais próximas da cidade, sendo que as demais eram distantes e só dava para retornar à casa aos finais de semana. A escola qual fui lotada chamava-se Nossa

Senhora do Perpetuo Socorro, lecionei por três anos na turma do jardim I, é uma linda escola, grande e de alvenaria, ela é do município e funciona anexo do Pedro Teixeira, uma escola estadual.

Nossa Senhora do Perpetuo Socorro -Rio Anequara



Fonte: <http://ademirhelenorochoa.blogspot.com.br/2010/07/religiao-igrejas-e-vultos-de-abaetetuba.html>

Havia alguns professores que faziam o percurso de ir e retornar para a cidade todos os dias, fui logo me enturmado, na época cada professor contribuía com R\$180,00 para pagar mensalmente o rabeteiro. No primeiro dia de trabalho encontrei com os professores por volta de seis horas da manhã no posto de combustível as margens do rio frente à cidade para embarcarmos na rabeta, daí começávamos a enfrentar, sol, ventos forte, maresias e chuvas, no início eu considerava uma aventura divertida, logo se tornou cansativa e preocupante, pois eu não sabia nadar e todos os dias pela manhã por volta das 5 horas e 30 minutos saio de casa de bicicleta até o cruzeiro, onde deixava minha bicicleta até o retorno por volta de 12 horas e 30 minutos.

Ao iniciar meu trabalho como professora sem nenhuma experiência e prática pedagógica, recorri a gestora da escola na época Sônia Ferreira que me orientou como proceder a referente aos conteúdos entre outros, a mesma que pediu a uma

das para me auxiliar a manusear o mimeógrafo, que era utilizado para rodar as atividades, já que na escola nesse período não tinha copiadora e nem energia elétrica, possui apenas um gerador o qual era ligado para encher as caixas d'água

Adaptei-me com facilidade naquela escola e comunidade, a turma para a qual lecionava era composta 20 alunos alegres e inteligentes. Trabalhar com essas crianças foi muito bom, por requerem mais dedicação e compreensão por parte do docente, porque as crianças nessa idade de quatro anos precisam de carinho, afeto, paciência e amor. Entretanto confesso que trabalhava de acordo com o desenho curricular sugerido pelo SEMEC e com um livro didático, talvez por não haver coordenador na escola acabei me acomodando e não fazia planos de aulas.

Durante os anos que trabalhei nessa escola, sempre fazia um combinado com as crianças com o objetivo de incentiva-las a realizarem as atividades, organizava na sala um cantinho com vários brinquedos, aqueles alunos que terminassem suas atividades poderiam brincar. As crianças que tinham dificuldades em executar as atividades no tempo hábito, perderiam o direito de brincar. Sendo que as atividades deveriam ser de forma lúdica, pois a brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre crianças. Brincar com o outro é um complexo processo interativa e reflexiva que envolve a construção de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo.

As professoras da referida escola realizavam a visita domiciliar, uma no primeiro semestre e outra no segundo, eu a professora do jardim II que na época era a minha amiga Adriana íamos juntas nas visitas e fazíamos questão de ir ao encontro de todos os alunos. Ao chegarmos, às casas éramos recebidos com muito carinho principalmente pelas crianças, que já estavam nos aguardando com o café pronto a ser servido. Nas casas era realizada uma conversa informal com as famílias. Observávamos discretamente que considerávamos importante e na rabeta fazíamos nossas anotações.

Através desse trabalho pude conhecer a realidade dos alunos daquela localidade e o quanto era diferente da minha, a maioria das crianças não tinham brinquedos, brincavam com objetos encontrados no rio, como latas de talco, garrafas de iogurte, refrigerante, entre outros, o quintal não era propício para brincar, nas casas havia poucos móveis, algumas redes e uma televisão que era ligada quando havia combustível para funcionar o motor, alguns pais nos relatavam que não

ajudavam os filhos com o dever de casa, porque eram analfabetos, descobri porque algumas atividades voltavam do jeito que tinha ido.

O professor que é comprometido com a educação tem que conhecer a realidade dos alunos, precisa ter empatia por eles para poder ajuda-los. Precisa visitar as famílias dos alunos para trabalhar a realidade dos mesmos.

Ao final de cada visita fazia uma reflexão e percebia minhas falhas enquanto professora e no decorrer dos meses fui mudando a minha metodologia. Cabe a nós, professores, especialmente das séries iniciais vivenciar um processo constante de reflexão referente as práticas desenvolvidas em sala de aula, adotar a perspectiva do professor pesquisador, aquele que faz e ao mesmo tempo avalia o que faz. Lidamos todos os dias com crianças que pensam e não podemos tolhê-las com nossas ações e atitudes que passam prejudicar seu aprendizado.

Temos o compromisso e a dignidade de fazermos um bom trabalho em relação às vidas que estão presente em nosso lado. Precisamos saber a diferença que se faz ao saber ensinar, compreender e saber escutar, se deixar seduzir como educador pela educação. Como diz Paulo Freire (2001), não posso ser professor se não percebo cada vez melhor minha prática.

Alegro-me em ter tido a oportunidade de começar meu trabalho docente naquela localidade, conheci pessoas bondosas e hospitaleiras, com elas aprendi lições valiosas, entretanto atravessar a baía tornou-se perigoso e o transporte o qual eu utilizava era dos professores do estado, e quando havia paralização ou greve a rabeta também parava, eu só retornava para minha casa aos finais de semana, nessa época não tinha com quem deixar meu filho Alesson que tinha apenas 10 anos, por essas e outras dificuldades no ano de 2013 fui transferida para trabalhar na cidade.

Em maio fui a SEMEC, recebi o memorando indicando que eu iria trabalhar na escola Maria Zaíde, localizada no bairro de São Sebastião, na turma do 4º ano. Fiquei assustada e insegura, até aquele momento não tinha experiência na educação infantil. Na referida escola fui recebida pelo diretor e a coordenadora pedagógica, a qual através de um breve diálogo me informou sobre o funcionamento do trabalho daquela escola.

Fotografia: Escola Maria Zaíde



Fonte: Arquivo Pessoal - 03/03/2013

A turma do 4º ano era composta por 37 alunos, a maioria repetente, apresentei muita dificuldade para trabalhar com eles, os discentes apresentavam comportamentos agressivos, desinteressados, rebeldia e carência, dado a entender das suas realidades. Muitos alunos que nos chegam com problemas são de pais separados, desempregados, mães agredidas moral e fisicamente, alcoolismo e drogas são problemas que afetam diretamente nossos alunos.

Nos poucos meses que fiquei com a turma iniciei meu trabalho na base do diálogo para cativar a confiança e o respeito dos alunos e entende-los em suas particularidades, acredito que, a partir do momento que valorizamos nossos alunos dando acesso a eles a uma boa educação. Entretanto confesso que eu não tinha domínio referente aos conteúdos, mas precisava seguir o desenho curricular, sendo que vários alunos não eram alfabetizados, me senti despreparada psicologicamente e pedagogicamente, percebi que enquanto profissional eu precisava me qualificar, ampliar meus conhecimentos, foi nesse período que senti a necessidade de me inscrever no PAFOR (Plano de Ações Articuladas Formação de Professores da Educação Básica).

Como ser humano está em constante processo de mudança, permaneci naquela turma por três meses, enquanto aguardava o resultado do PAFOR surgiu à

oportunidade de trabalhar na creche Municipal Francisco Maués Carvalho, situada no bairro da Francilândia, aceitei de imediato, fiquei contente por voltar a trabalhar na educação infantil e pelo aumento considerável no meu salário, estou exercendo a docência até os dias atuais, no berçário com crianças de seis meses a um ano e seis meses.

Fotografia creche Municipal Francisco Maués Carvalho



Fonte: Arquivo pessoal - 21/06/2013

Nessa instituição trabalhamos com base nos três pilares da educação infantil: o cuidar, o brincar e o educar. A creche é um lugar importante na formação das crianças, pois elas permanecerem durante todo o dia vivenciando situações de aprendizagem variadas e de forma lúdica, para a realização das atividades diárias, contamos com um amplo espaço (anfiteatro, salão, solário, tapete sintético, parquinho entre outros) que contribuiu para diversos tipos de brincadeiras, além da liberdade das crianças expressarem a forma que lhe dá mais prazer e alegria de brincar, visto que, é nessa fase inocente que vivencio as várias experiências do “faz de conta” que lhe dará autonomia na vida.

Como forma de organização durante todo o dia seguimos uma rotina, e como todo planejamento, ela é flexível, respeitando as especificidades de cada criança.

A rotina inicia-se com a roda de conversa, brincadeiras livres, lavagens das mãos, lanche, banho, cineminha, almoço, higiene bucal, o momento da soneca

(repouso), a tarde ocorre o segundo banho, lanche, leitura para deleite e a preparação para a saída.

Na creche trabalhamos com diversos projetos que abrangem temas distintos entre si, assim como Projeto Saúde e Bem Estar: lavar as mãos, assuar o nariz, self servisse, Projeto Ciranda da Leitura, apropriação criança, o projeto Brincar e os projetos das datas comemorativas, os mesmo tem como objetivo estimular na criança como as primeiras lições de vida sua autonomia.

CAPITULO III – TRAJETÓRIA ACADÊMICA

3.1 - O CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA PRÁTICA DOCENTE

Descrever este capítulo será muito importante, pois me permitirá fazer uma análise sobre minha prática enquanto docente, enfatizando as mudanças ocorridas ao longo do curso de Pedagogia.

No início da minha atuação com docente não tinha vontade de cursar a graduação, me incomodava ter que sair da “zona de conforto”, pensava que não ia conseguir corresponder às expectativas de um curso superior, entretanto sentia que era necessário aprimorar meus conhecimentos, pois muitas vezes me sentia inferior principalmente quando participava do planejamento com os profissionais da escola, ficava sempre como ouvinte, não sabia organizar uma atividade diferenciada e não tinha fundamentos teóricos na minha prática, sentia que faltava algo na atuação profissional, comecei a almejar e lutar pelo curso de graduação.

No ano de 2014 fui selecionada par acursar Licenciatura Plena em Pedagogia na (UFPA) campus de Abaetetuba, através do Plano de Ações Articuladas Formação de Professores da Educação Básica – PAFOR. Senti-me feliz por ser aluna da Universidade Federal do Pará na certeza de adquirir novo saberes para minha vida profissional e pessoal.

Ao longo desse processo de formação vivi situações com as quais fui confirmando e corrigido hipóteses que eu tinha antes de iniciar a vida acadêmica, as dúvidas que foram surgindo contribuíram com a minha prática docente e as reflexões me permitiram organizar as práticas que já tinha em minha vivência de professora.

Refletindo sobre minha trajetória de docente confesso que já fui uma professora que apenas transmitia os conhecimentos acumulados, atualmente acredito está constituindo uma nova maneira de ser professora reconstruindo conhecimentos em conjunto com os alunos, no decorrer do curso comecei a refletir nessas diferenças de práticas e me questionar que professora eu quero ser? Para que seja uma educadora que desperte no aluno a “alegria crítica”, como enfatizava a querida professora Edineia “Alegria de Aprender”. Assim estudar na universidade tornou-se um desafio, tirei grandes lições que influenciaram nos meus ideais, é possível mudar atitudes e recomeçar sempre que houver necessidade. Ir em busca de conhecimento e aprofundamentos teóricos bem como a continuar sempre me adequando.

Durante minha atuação de estudante na universidade posso afirmar que todas as disciplinas do curso de pedagogia, as quais estudei contribuíram significativamente com novos conhecimentos com novos conhecimentos para minha prática docente, pude analisar organizar e refletir melhor minhas metodologias através das discursões, reflexões e debates mediadas por nossos professores, mestres e doutores em educação.

Hoje me considero uma pessoa mais questionadora e isso faz com que eu aprenda cada vez mais, segundo o professor Alexandre Cals “cada dia que aprendo me torno mais jovem”, é certo que não sou mais a mesma quando eu ingressei na UFPA, aos poucos, conseguir superar algumas dificuldades, é convicta de que a mudança em minha prática precisa partir de meu interior e é necessário está em constante busca ao conhecimento.

Assim acredito que é necessário considerar as aprendizagens adquiridas em todos os âmbitos respeitando os conhecimentos, saberes e a cultura dos alunos, contribuir para que os mesmos possam pensar questionar e refletir sobre a realidade, sendo participativos. É preciso desenvolver metodologias contextualizadas que proporcione ao educando mudanças significativas no seu próprio contexto histórico, social e econômico.

A conquista dessa prática é longa e árdua, deve ser vista como reflexiva e não repetitiva. Na concepção de Freire (1979, p.9) “(...) a prática pedagógica reflexiva é aquela onde ninguém educa ninguém, tão pouco, educa-se a si próprio, pois os homens se educam em comunhão, mediado pelo mundo”.

Essa reflexão que o professor aprende a construir e a comparar novos métodos de ensino, formando sem perder a essência das diferentes culturas, a busca de mudanças significativas tanto na educação quanto na sociedade. Como professora, preciso instigar meus alunos a desvelar a realidade na qual está inserido.

Sair das “mesmices” da sala de aula ter um olhar mais abrangente para os alunos, escola e comunidade. Acreditar que é primordial a construção de uma educação que desenvolva competências e habilidades, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos.

O professor através de suas ações serve de modelos para seus alunos, todavia ele deve gostar e acreditar naquilo que faz se ensina a refletir deve refletir, se ensina a respeitar deve respeitar, sendo que a educação é um processo dinâmico e complexo e o conhecimento não é algo pronto e acabado mas está em constante transformação e inovação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir este trabalho foi muito gratificante para mim, permitiu voltar no tempo e lembrar os momentos marcantes que tive ao lado da minha família, a partir das experiências vividas desde a infância a formação acadêmica, com análise e mudanças na minha prática educativa.

A professora que sou hoje é resultado das aprendizagens adquiridas ao longo da minha história formativa e dos estudos na universidade, como nunca estamos prontos, o professor precisa ser um pesquisador estando sempre em busca de conhecimento para a construção de novos saberes.

Este memorial serviu para apresentar um pouco do muito que eu aprendi na universidade e durante a minha vida, pois cada dia tem vivenciado novas experiências, principalmente porque vivemos na era das tecnologias e o fluxo de informações é de uma velocidade inquestionável, é preciso termos consciência crítica para selecionar adequadamente essas informações. Por tanto é necessário que a educação proporcione a formação de cidadãos críticos e reflexivos, pessoas capazes de tornar o mundo mais justo. Nesse sentido a educação é uma ferramenta primordial e importante na formação de uma sociedade, mais para alcançar melhorias é necessário desenvolver práticas educacionais visando atender as necessidades dos sujeitos envolvidos para que possam conhecer seus direitos, tendo perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Nesse sentido os professores tem a necessidade de refletirem sobre sua atuação, valorizarem o trabalho coletivo, compartilhando saberes e assimilando coisas novas e inovadoras para o seu aperfeiçoamento profissional.

O curso de graduação foi essencial ao meu aprendizado e me fez acreditar que é possível mudar atitudes e recomeçar sempre que houver necessidade, na trajetória pela universidade pude repensar minha prática de maneira crítica, os conhecimentos que adquirir é de grande relevância, pois contribuíram para que pudesse reconstruir minha prática pedagógica, me possibilitou uma melhor relação com minha família, colegas e novos conhecimentos. Atualmente me sinto uma pessoa mais confiante e uma profissional comprometido com meu trabalho, reconheço que é árduo mais gratificante.

Posso dizer hoje que sou uma profissional da educação e só tenho a agradecer aos meus pais que não mediram esforços para buscar melhores condições de educação para os filhos, a todos os meus amigos e professores que

fizeram a diferença na minha vida, para homenageá-los deixo uma dedicatória citada pelo professor Adelino Ferrant: “As pessoas em nosso caminho são um presente de Deus”.

Entretanto desejo que essa trajetória não se encerre aqui na graduação, pois como sabemos, o professor deve estar em constante formação.

REFERÊNCIAS

ARIES. PHELIPE- **HISTORIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMILIA** – 2ª ED, RIO DE JANEIRO: GUANABARA: 2006.

BELLO, ISABEL MELERO: **FORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE E PRÁTICA DOCENTE: RELATOS DE VIDA DE PROFESSORES-** SÃO PAULO: ARTE E CIENCIA. 2002

FREIRE, PAULO. **CONSCIENTIZAÇÃO: TEORIA E MPRATICAS DA LIBERDADE.** SÃO PAULO: CARTEZ E MORAIS. 1979

_____**PEDAGODIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSARIOS Á PRÁTICA EDUCATIVA.** SÃO PAULO: PAZ E TERRA. 2001

_____**CARTA A CRISTINA: REFLEXÕES SOBRE MINHA VIDA E MINHA PRÁXIS.** 2 ED. VER. SÃO PAULO: EDIDORA UNESP, 2003.

LE GOFF. JACQUES. **HISTÓRIA E MEMÓRIA.** SÃO PAULO: UNICAMP. 2003

OLIVEIRA. E.S. G: CUNHA. V.L. O ESTÁGIO SUPERVISIONANDO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE A DISTANCIA E DESAFIOS A VENCER. CONSTRUÇÃO DE NOVAS SUBJETIVIDADES. **REVISÃO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA,** 2006.

POLLAK. MIGUEL, “**MEMORIAS E IDENTIDADE**”. IN; ESTUDOS HISTÓRICOS S N. 10. RIO DE JANEIRO 1992.

PROFESSORAS: SIMONE DE FATIMA PARIS, JASELINDA RAIMUNDA MAUES DE MORAES E REJANE QUILDRAS. **CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETENCIA-** (CDC), V. 2, 2010.

ROCHA. MARIA S.P DE M.L. DA. **NÃO BRINCO MAIS: A (DES) CONSTRUÇÃO DO BRINCAR NO COTIDIANO EDUCACIONAL.** JUÍ: UNIJUÍ. 2000.

SEVERINO, A.J. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIÊNTIFICO.** 22. ED. SÃO PAULO: CORTEZ, 2002.